

Evento: XXI Jornada de Extensão  
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

## A NEUROSE DAS SELFIES: O NARCISISMO VIRTUAL<sup>1</sup>

### THE NEUROSIS OF THE SELFIES: VIRTUAL NARCISISM

Vanessa Taís Müller Andreolla<sup>2</sup>, Anderson Andrei da Silva Meinart<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Projeto de Extensão realizado no curso de Psicologia da Unijui

<sup>2</sup> Aluna de Psicologia, UNIJUI ? Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS, Brasil.  
vanessa.andreolla@sou.unijui.edu.br

<sup>3</sup> Aluno de Psicologia, UNIJUI ? Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS, Brasil.  
anderson.meinart@sou.unijui.edu.br

#### INTRODUÇÃO

O tema abordado discute frente à questão da objetivação do corpo na atualidade. A imagem virtual do autorretrato, como forma de satisfação narcísica. Demonstrando o olhar da psicologia e da psicanálise sobre esse compartilhamento da subjetividade nas redes sociais.

#### METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no componente curricular Modelos de Pesquisa em Psicologia, no primeiro semestre de 2018. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica na base de dados, através de artigos presentes na BVS-PSI.

#### RESULTADO E DISCUSSÕES

No artigo “Selfie e Teoria Crítica: Considerações acerca do trabalho com imagens em Psicologia” (Fernanda Carvalho Almeida; Maria de Fátima Vieira Severiana, 2017) a imagem de si próprio, comumente caracterizada como selfie, ganhou uma enorme importância na vida de cada sujeito atualmente. O autorretrato com o intuito de divulgar a si mesmo em diversas situações é compartilhado nas memoráveis redes-sociais. A subjetividade revela-se virtualmente nas telas tecnológicas, e dentro de toda essa questão qual o olhar que a psicologia vem sintetizando dessa subjetividade virtual? A Teoria Crítica vem abordando grande influência nessa análise, intermediando o prático ao teórico nas imagens singularizadas.

Viralizou a tendência de se auto fotografar em todas as atividades cotidianas: ao alimentar-se, dormir, trabalhar, registrar hobbies. Qualquer atividade a ser realizada torna-se motivo de uma selfie a ser postada socialmente. O aplicativo Instagram que tem por finalidade esse compartilhamento de imagens, ganha a cada dia, uma importância extremamente maior, nesse âmbito das selfies. O visual e a mídia rotulam a vida cotidiana, e é através desse partilhamento em redes sociais que atinge seu ápice, cada vez mais alto na sociedade. As imagens tornaram-se sinônimo de linguagem.

Coloca frente à psicologia o papel de decifrar essa subjetividade, demonstrada nas fotografias, através de uma reflexão crítica, ou seja, a Teoria Crítica, teorizando sobre a realidade, o que está em movimento na atualidade, em base de suas dimensões históricas e sociais, insiste na particularidade, no detalhamento, desligados da totalidade. Onde ocorre a modificação, pois a teoria refletida na prática, transcende, transformando-se e criando novas nuances, permitindo compreender a singularidade na imagem.

O artigo “As faces da selfie: Revelação da fotografia social” traz as selfies como singulares (Francisco Coelho dos Santos, 2016), mas produzidas para a coletividade. Expondo apresentações e demonstrações pessoais para integrantes das redes sociais. Elevando a subjetivação compartilhada. O olhar diante da selfie a designa como: “característica de ser um objeto para si próprio”, estabelecendo

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

relações entre o mundo exterior e interior do sujeito, que acaba se misturando e é retratado na imagem. Encontra-se num ponto de referencia individual, singular de cada pessoa, dentro de sua realidade, e converge no ponto de referências da atualidade, aquilo que esta na realidade social, refere-se a tudo aquilo que pertence ao “eu”. O homem quer desempenhar o papel de protagonista dentro da imagem, independentemente do cenário, atividade exibida, ou qualquer outro fator presente na foto, o ego do sujeito necessita ser a atenção principal da exposição.

O rosto mostra-se como principal órgão expressivo da identidade pessoal, entrando nessa causa, o famoso “pau-de-selfie”, que captura o contexto exterior, mas acima de tudo garante a presença do sujeito centralizada na fotografia. A cultura da selfie, ou fenômeno da selfie é nada menos que uma manifestação do narcisismo, representando a vaidade, o exibicionismo e adoração do “eu”. São consideradas tecnologias para si. O público e o privado encontram-se, em difusão, sem as barreiras que os separam. A valorização do interior requer o aceitamento do outro sujeito que vislumbram essa subjetividade exposta na selfie.

Analisando o texto “Corpo e automutilação na esquizofrenia” (Andréa Franco Milagres, 2006), destaca-se que o narcisismo é um processo fundamental no desenvolvimento da criança, mas quando não decorrido como deveria, gera consequências inestimáveis. As falhas levam as futuras rupturas. Levando em consideração a teoria de Freud frente ao narcisismo, e de Lacan sobre Estádio do Espelho.

O corpo é adorado como uma imagem, no narcisismo. O ego deleita-se na admiração do “eu”. No desligamento da libido e regressão desta para o eu, ocorrendo à megalomania e o desvio da libido do mundo exterior, na paranoia a libido retorna ao eu, dando fluência ao narcisismo. Na esquizofrenia, no entanto, algo diferente acontece, há uma falha na função narcísica, as pulsões voltam-se ao corpo na forma auto erótica. No narcisismo ocorre uma alienação com a autoimagem do sujeito. O ter um corpo é a fala essencial do ser humano diante dessa adoração ao ego. O gozo satisfatório é buscado nessa admiração e constante demonstração da subjetividade no narcisismo.

Conforme o artigo “Autorretrato caminhos pelo desconhecido” (Gysia Dias Pimentel, 2006) destaca-se que não é possível captar à primeira vista, todo conteúdo que o autorretrato sugere. É preciso sua análise minuciosa, para compreender toda subjetividade, e o que está subtendido nele. Retratar a si é mostrar e tornar o invisível, visível. Através do trabalho desenvolvido e estudado no Hospital Ulysses Pernambuco em abril de 2000, com a temática como tudo muda a partir do olhar, por meio de um ensaio fotográfico de autorretratos. O autorretrato é a demonstração de tudo aquilo que envolve e representa o sujeito, o identificando na expressão do “eu”. A imagem captura a essência do sujeito, restabelecendo ao lugar de sujeito desejante, pois a carência em ser bem querido diante os outros, é uma característica idealizadora do autorretrato.

De acordo com “A Paixão pela imagem: o eu como cenógrafo das virtualidades do si mesmo” (Mariana Pinheiro, 2016), com a chegada dos smartphones, o sujeito se distanciou cada vez mais da realidade, da interação corpo a corpo, para uma troca virtual, tendo assim a vida off-line e a on-line. O mundo virtual permite o sujeito a criar seu próprio avatar, baseado no seu estilo e no seu gosto. O desejo de ver e ser visto nas redes sociais, transforma o ser em algo desejável, e invejável, onde busca o reconhecimento. O narcisismo sobre o corpo caracteriza o sujeito moderno possuidor de um ego moldável pela virtualidade digital, uma obsessão de si mesmo. Ao corpo ele atribui à objetivação e a autorração simbólica da sua existência. O corpo é submetido a uma engrenagem cultural de outro que o desejaria.

O corpo em Psicanálise não é o corpo natural, biológico ou o descrito pela anatomia, refere-se ao corpo produzido simbolicamente, essa irreducibilidade assume como ponto de partida a linguagem, a linguagem faz a intervenção subjetiva, implicando a presença de uma ausência. A virtualização da imagem corporal parece oscilar entre polaridades supracitadas numa diversidade fenomenológica –

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

cultura de impossível trabalho de generalização. Selfies e demais meio de narcisismo corporal seriam formas fetichistas da autoimagem.

Adentrando um campo muito veemente da atualidade, as impressionantes selfies, debate-se questões fundamentais da subjetividade. Instalou-se uma necessidade grandiosa de autorretratar-se e compartilhar em redes sociais. O olhar da Psicologia torna-se essencial diante essa neurose das selfies, que se vive. Porém, a análise requer uma reflexão crítica, levando em consideração a realidade do momento, em suas dimensões históricas e sociais, focando nos detalhes apresentados, compreendendo assim a singularidade.

A mídia das redes sociais influencia fortemente a característica de o sujeito ser um objeto para si próprio na autofotografia postada, transformando o privado em coletivo. O ego clama pela visualização do outro dentro desse ciclo de carência do eu, onde é o protagonista na exibição de sua imagem. No ponto de vista psicanalítico a autoimagem, no qual o corpo se transforma em objeto de desejo do próprio sujeito, designa-se ao narcisismo, um dos processos fundamentais do desenvolvimento infantil. O corpo é adorado como uma imagem, o Ego sacia-se na admiração do eu. Ter o corpo e ama-lo, adora-lo é o ponto primordial, a satisfação acontece ali, e é vislumbrada na subjetividade, o que bem se identifica nessa persistência constante da realização através da selfie.

Contudo, é essencial reconhecer que a imagem, é capaz de retratar, tornar visível a totalidade da subjetividade em detalhes, tudo aquilo que é o sujeito, seja mascarado pela tecnologia, ou simplesmente assim como é. Identifica a expressão do singular, e o coloca no ponto de sujeito desejeante dessa admiração pelo outro, é uma marcante idealizadora da cena autorretratada.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A neurose das selfies é um transtorno psíquico resultante da adoração do corpo, pela própria imagem corporal, em busca do olhar do outro através do cenário virtual. Vislumbrando a admiração de ser objeto para si mesmo, principal personagem na cena auto fotografada. No qual as Psicologias precisam fazer a intervenção ou a visualização de forma teórica crítica, com base na realidade do sujeito, pois está enraizada no narcisismo.

Palavras-chave: Narcisismo; Imagem Corporal; Adoração; Virtual.

Keywords: Narcissism; Body Image; Worship; Virtual.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Fernanda Carvalho et al. SELFIE E TEORIA CRITICA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO COM IMAGENS EM PSICOLOGIA. Rev. de Psicologia, Fortaleza, v.8 n.1, p. 121-128, jan./jun. 2017. Disponível em: < <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/01/877032/14285-27379-1-sm.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MILAGRES, Andréa Franco. CORPO E AUTOMUTILAÇÃO NA ESQUIZOFRENIA. Rev. latinoam. Psicopatol. Fundam. São Paulo, v. 9, n. 3, p. 447-459, set. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142006000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1415-47142006000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

PIMENTEL, Gysia Dias. AUTO-RETRATO CAMINHOS PELO DESCONHECIDO. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832006000200021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200021&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

PINHEIRO, Marina. A PAIXÃO PELA IMAGEM: O EU COMO CENÓGRAFO DAS VIRTUALIDADES DO SI MESMO. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 19, n. 1, p. 84-98, mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142016000100084&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142016000100084&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

SANTOS, Francisco Coelho dos. AS FACES DA SELFIE: REVELAÇÕES DA FOTOGRAFIA SOCIAL. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 31, n. 92, e319202, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092016000300502&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092016000300502&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

**Parecer CEUA:** 4338191018

**Parecer CEUA:** 3.104.922/2019